

Santos, 9 de fevereiro de 1963.

Senhor Dr. Celso Maria de Mello Pupo.

Muito cordial saudar.

Foi para mim um grande prazer o recebimento de sua carta de 28 de janeiro último, a qual é das que se não respondem à pressa nem definitivamente. Aliás, chegou-me às mãos há três dias. Antes de respondê-la, iniciei, como que por dever, a leitura do seu "Elogio de Paulo Alvares Lobo", leitura que logo prossegui encantado pela oração primorosa no fundo e na forma perfeitíssima. Queira receber meus agradecimentos e sinceras felicitações.

Passo a dar, por partes, uma primeira resposta á sua carta, portadora de assunto sujeito a cuidadosas e demoradas indagações.

Miguel Alves Feitosa, do retrato a que a que V.S. se refere, foi meu Pai. A senhora, D. Amasília Ferraz de Castro Mendes Feitosa, campineira, foi sua primeira mulher. (Gen. Paulistana -Silva Leme + vol. 4º, pag. 41,-7-4, tit. Arrudas Botelhos). Eu sou filho do segundo casamento de Miguel Alves Feitosa, com D. Maria Honória de Almeida Duarte, das famílias Vilhena, Duarte de Camargo e Furquim de Almeida (Ob. cit., vol. 6º, pag. 71,-10-2, tit. Furquins.)

Meu Pai, alagoano de velha família pernambucana, cursava o terceiro ano de engenharia no Rio de Janeiro quando, em 1881, por ordem médica, mudou-se da Côte para Campinas, cidade que êle muito amou. Aí lecionou por muitos anos, sendo numerosos os campineiros ilustres que me dizem ou disseram ter passado pelo seu ensino. Mudou-se para Jundiaí com a família e numerosos alunos, levado a isso por um daqueles terríveis surtos da febre amarela, que tanto castigou Campinas.

Em 1891, por decreto do presidente do Estado, dr. Bernardino de Campos, foi nomeado diretor, efetivo, do Ginásio do Estado da Capital, em substituição ao interino, dr. Bento Bueno, que foi nomeado Secretário da Justiça e Segurança Pública. Dos numerosos filhos do professor Miguel Alves Feitosa só restamos dois vivos: Mario Alves Feitosa, do primeiro casamento, e eu, do segundo.

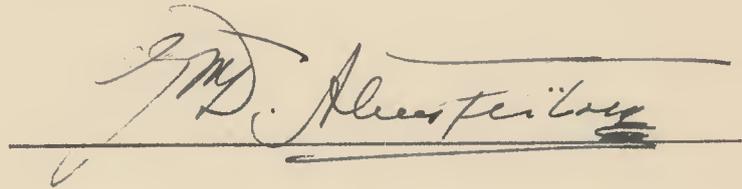
Agora, passo a dar uma primeira resposta, preliminar e genérica, á matéria de suas indagações, objetivando a pessoa do Capitão Flórido José de Moraes. Si V.S. não conseguiu ver na Câmara Municipal de Santos os livros de atas, recenseamentos e registros que o interessam, contesto -- permita-me -- que lhe faltasse prestígio pessoal para isso e para muito mais. Suponho, como provável, que os funcionários teriam pouco tempo e, ainda *mēnos*, disposição para busca e exibição de documentário velho e, provavelmente, empoeirado, sob pilhas de outros documentos em condições parecidas. Antes de maiores indagações, não poderei informá-lo sôbre a procedência ou improcedência da versão de que o mencionado documentário se encontre no Instituto Histórico e Geográfico de Santos, do qual sou o presidente para o biênio 1962/63. Não me descuidarei, entretanto, de indagar a respeito, com o maior empenho e cuidado. Temos aquí grandes sabedores dos pormenores da vida de Santos no século XIX e o documentário do Instituto poderá, talvez, contribuir para esclarecer o assunto. A êsse respeito, disponha de nossa irrestrita colaboração. Quando vier a Santos, o nosso Instituto Histórico estar-lhe-á inteiramente aberto.

Não é de agora que estamos empenhados num maior intercâmbio cultural e, mesmo, afetivo, campineiro-santista. Nota-se que há certas diferenciações psicológicas, talvez mesmo temperamentais, entre santistas e campineiros. Santos, mais antiga, bêrço mais velho das velhas famílias de S. Paulo, é mais tropical, mais quente; povo típico de beira-mar, com muito de carioca e uns longes de napolitano, antes de mais nada democrático e expansivo, tenha ou não tenha quatrocentos anos ou mais de avós conhecidos. Campinas bem mais nova, mas *reducto* inabalável de tradições e do velho

São Paulo; povo bem menos aberto, bem menos acessível e expansivo do que o santista. As duas cidades, porém, com o denominador comum da mesma brasilidade, do mesmo sangue bandeirante, dos mesmos sacrifícios de 1932, quando, aliás, Santos foi das que mais filhos tombados deixou nos campos da luta. Sou insuspeito para dizê-lo, pois meu berço natal é Araras.

No Instituto Histórico estamos esperando que cresça mais o "chapéu de sol" por nós plantado no Jardim Carlos Gomes, nessa nobre e grande terra para, solenemente, levarmos uma plaqueta comemorativa, símbolo do nosso afeto e admiração pela cidade de Campinas.

Queira V. S. receber a segurança do nosso mais alto apreço e integral colaboração.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "J. M. Almeida", is written over two horizontal lines. The signature is fluid and cursive.

Rua Pernambuco, 72.